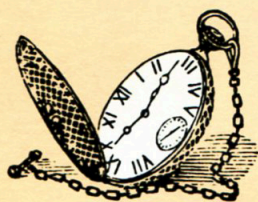


A n t ó n i o J o s é F o r t e

CALIGRAFIA
ARDENTE

CALIGRAFIA
ARDENTE



HIENA EDITORA

CALIGRAFIA ARDENTE



CALIGRAFIA ARDENTE

António José Forte


HIENA EDITORA
Aparição 2481 1112 LISBOA CODEX

Título
CALIGRAFIA ARDENTE

Autor
ANTÓNIO JOSÉ FORTE

Desenho original de
ALDINA

Capa de
AUGUSTO T. DIAS

© de António José Forte

Tiragem de 1000 exemplares
Lisboa, Agosto de 1987

PREFÁCIO

Ao nível do mar
como o nome da flor do vinho
murmurado entre relógios de carvão
escrito devagar na cal do silêncio
como o lençol de púrpura
no peito dos amantes
de costas para a morte
ao nível do mar
como um cardume de palavras cintilantes
no horizonte de cinza e de pavor
como um cavalo branco toda a noite
de estrela para estrela
ao nível do mar
como a flor que se abre na boca dos suicidas
um homem
ferido de morte
vai falar

CANTO

O canto da velha toupeira
audível nos intervalos do terror
leite dos sonhos esse murmúrio no sangue
que a dor do lado do mistério
causa ao homem quando atravessa a terra
essa rosa por explodir de amante em amante
no coração do mundo
esse pranto à flor da pele
e debaixo da língua
numa girândola de pétalas sem fim
de todas as cores do universo
à hora do lobo no relógio da morte

o canto da velha toupeira
quando a lava dos séculos
se abre num relâmpago de chuva ardente
desfolhada na cabeça da esfinge solitária
sob um silêncio azul de aves doidas
quando uiva nos ouvidos famintos
e trespassa a solidão do fígado
pedra a pedra até à última pirâmide
de corredores de espelhos lentos
um rosto à esquerda outro rosto à direita
e um país desconhecido e belo
muito alto no centro

quando as lágrimas da memória
atravessam de súbito o horizonte
para além do cadáver das fronteiras
até à luz que nasce de um oceano
contra a luz doutro oceano maior
quando rebenta em sílabas de soluços
na boca dos que jazem para sempre soterrados
sob as estátuas negras dos heróis
sem nunca ter escrito o nome
e cegos surdos e mudos
são milhões de fantasmas

quando na orla da sombra dos patíbulos
se erguem labaredas de náusea
até ao vômito da cólera
e dentes de pavor mordem o ar em volta
num círculo de cal viva
quando entre estandartes brancos um pão negro
se ilumina como um tambor embandeirado em arco
nos braços nus através da paisagem
de lâmpadas sonâmbulas
e árvores de asas de fumo florido
entre clarões de neve

quando o sono da paixão engendra monstros
de olhos abertos de pupilas podres
que devoram as cores do arco-íris
quando flutuam plumas
que se inclinam sobre a muralha da china
e uma grinalda de mastros cintilantes
não é um cometa no deserto
mas a lenta cabeleira violenta
das grandes coisas inauditas
sussurradas como um fio de sangue
de letras de fogo na garganta

quando a razão de horror de cada dia
distribuída entre bandeiras triunfantes
é saudada pelos ministros da morte
quando oriente após oriente
para além da peste
surge em grandes ondas caligráficas
o mapa do mundo dos jardins suspensos
na rosa de todos os ventos
desfolhada na órbita do tempo
cada pétala uma asa
cada asa um oceano sem nome

o canto da velha toupeira
ondulante entre o diálogo dos mortos
na cinza das pátrias destruídas
em troca de uma estrela e outra estrela
até à constelação chamada sempre a idade de ouro
e ilha da reunião de todos os desejos
e do amor único e louco
até à grande maravilha do princípio
das mil e uma noites sem fim
numa nuvem de sangue muito doce
erguida à altura da paixão dos olhos
perdidos no infinito

MAR DE NINGUÉM

No mar de ninguém
o navio fantasma e a sua hélice de sangue
à distância de um tiro
onde é a entrada abrupta dando para o torso adolescente
o de sempre quando é preciso procurar uma passagem
entre fios esticados de garganta a garganta
e um tambor estilhaçado à altura do peito

OS MEUS AVIADORES

No ano primeiro do fim da melancolia
enquanto os dias e as noites se devoram
é por mim que escrevem os aviadores
com a minha letra solitária
sobre a multidão no deserto

podem ler quando eu passo
despido de trevas

é a caligrafia da serpente
das praias do tempo da minha infância
onde amanhece
quando faço o gesto de matar

posso mandar os meus aviadores escrever
quando passarem sobre os Pirenéus
ao lado da fome da multidão no deserto

no avião mais alto que vai explodir
voa a minha angústia

podem ver
na linha do horizonte
uma asa de sangue contra o rosto
a minha máscara de amante
de braços sobre a terra

sou eu à espera dos meus aviadores

GRANDE ÉCRAN

No grande écran
a festa do homem lobo do homem
e a sua mulher de bicicleta
até que um século de furor
abra a cratera donde irrompe o rosto do poeta
as suas mãos borboletas gigantes
os seus pés peixes voadores
a sua boca asa de fogo branco
e outro século
erga a pirâmide de palavras
que se derramem docemente
de anel em anel
até o último século

MEMÓRIA

A flor da terra a flor de fumo
dos meus cigarros adolescentes
fumados amorosamente entre fantasmas

desse tempo
os meus pulmões que dançam
os meus olhos de desobediência civil
fascinados
que saúdam o arco histórico do desejo

o meu nome que flutua
na orla do furor

desse tempo
uma paisagem de nuvens inventadas
para as minhas aves altíssimas
suspensas sobre a morte

chuva do princípio do mundo
escrita na minha pele
com a língua das tempestades

todas as ruas secretas
por onde não passa
o manequim de patas de alcatrão
devorador do ar

eu beijei o crânio azul da noite
ajoelhado numa bandeira ardente
entre a bela e o monstro
dormi entre frases imensas e bárbaras
e puríssimas
pronunciadas pelo mistério

desse tempo
uma onda de silêncio deslumbrante
onde voam flores negras
quando anoitece do lado do amor
e um homem com passos escarlates
que atravessa o nevoeiro

agora a sombra no meu peito
de um avião que passa
à velocidade da erupção dos teus cabelos
quando amanhece neles

como uma coroa de versos
na estátua jazente do único
a cabeça voltada para o lado intelectual da morte
os olhos muito abertos para o pranto de súbito
todos os nus uma criança incluída
presos por um fio de sangue
definitivamente às estrelas
e a minha assinatura do fígado sobre as águas

em vez do meu nome leiam
Mil Crimes de Amor numa torre de marfim

eu sei
uma pequena multidão petrificada
ameaça escurecer os rostos os mais belos
é ela que avança contra os relógios de sol

eclipse total se não há
espelhos para as insónias negras
se não há para a biografia completa do homem
um grande amor da cama à música das esferas
passando por um tremor de terra

O NOME

Veio do outro lado do mar
pronunciado pelo fogo
e jaz nos jardins suspensos sobre a morte
como um vômito do coração
o nome podre de ninguém

ASSINATURA

Entre lágrimas de crocodilo
o homem com gestos de lava
que aponta o local do crime
todas as manhãs
e eu despido de rosas
subo a escada de caracol da morte
para ir deixar na tua pele a assinatura bárbara
com a caligrafia trémula todas as manhãs
e todas as noites de terror
entre a música dos astros

ÍNDICE

<i>Prefácio</i>	7
<i>Canto</i>	9
<i>Mar de ninguém</i>	13
<i>Os meus aviadores</i>	15
<i>Grande écran</i>	17
<i>Memória</i>	19
<i>O nome</i>	23
<i>Assinatura</i>	25

COLEÇÃO

IDEIAS E ATITUDES

- 1 — Fêmea, Angra de Felicidade
RUI ANDRÉ DELÍDIA
- 2 — Dia a Dia Amante
ANTÓNIO JOSÉ FORTE
- 3 — A Procura do Silêncio
ERNESTO SAMPAIO
- 4 — As Magias
Versões de HERBERTO HELDER
- 5 — O Pó. Verbo da Loucura e de Deus
AUGUSTO T. DIAS e RUI ANDRÉ DELÍDIA
- 6 — Variações em Sousa
FERNANDO ASSIS PACHECO
- 7 — Caligrafia Ardente
ANTÓNIO JOSÉ FORTE

Execução gráfica
da
TIPOGRAFIA LOUSANENSE, LDA.
Lousã — Agosto/87
Dep. legal n.º 16548/87

COLECÇÃO

IDEIAS E ATITUDES